

Plínio o Jovem no debate entre “aticismo” e “asianismo”

João Angelo Oliva Neto*

1. Plínio o Jovem

Caio Cecílio Segundo (c. 61–c. 114 d.C.) – conhecido como Plínio o Jovem (e em Portugal “Plínio o Moço”), por diferenciá-lo do tio, Caio Plínio Segundo (c. 23–c. 79 d.C.), conhecido como Plínio o Velho – nasceu em Como numa família de proprietários de terra, de cepa senatorial, e fez estudos em Roma sob proteção do tio, que veio depois a adotá-lo. Após frequentar a escola de Quintiliano (autor das *Instituições Oratórias*, preceptor do imperador Domiciano e destinatário da epístola VI, 32), iniciou, em âmbito privado, a carreira de advogado e em 81 d.C. deu início ao *cursus honorum*, isto é, à carreira de cargos públicos, como tribuno militar na Síria. Ingressou em seguida no Senado, tornou-se pretor em 93 d.C. – no mesmo período em que Domiciano (imperador entre 81 e 96 d.C.) começava seu reinado de terror – e em 100 d.C., já sob Trajano (que governou entre 98 e 117 d.C.), obteve o consulado e o cargo de áugure, logo após o quê, para agradecer o imperador pelo cargo, proferiu no Senado o discurso conhecido como *Panegírico de Trajano*. Plínio veio a ser ainda *praefectus aerarii*, cuja função é semelhante a de um ministro do tesouro, e tendo-se tornado entre 104 e 107 d.C. próximo de Trajano, foi por ele enviado à Bitínia como *legatus Augusti*, função semelhante a de governador, para resolver tensões econômicas daquela província e da província do Ponto, como demonstra a correspondência trocada com o imperador. Morreu durante essa missão ou logo depois, entre 112 e 114 d.C., ao voltar a Roma.

Dos dez livros de epístolas de Plínio, os nove primeiros contêm epístolas privadas escritas entre 97 e 108 d.C. com vistas à publicação e efetivamente publicadas pelo próprio autor. O décimo contém tanto a correspondência oficial, como a correspondência privada entre ele e Trajano na maior parte dos casos durante o governo da Bitínia. Por incluir as respostas do imperador a vários pedidos de Plínio, o último livro, diferentemente dos anteriores, é amiúde verdadeira *correspondência* – bem entendido, mensagens com as respectivas respostas – que, reunida e publicada apenas após a morte de Plínio, como é provável, se tornaria o décimo livro. O epistolário privado dos nove primeiros livros, quanto à historiografia, complementa o registro dos fatos públicos feito por dois historiógrafos contemporâneos, Tácito (c. 58–c. 120 d.C.) e Suetônio (c. 69–depois de 210 d.C.); quanto à retórica e à poética, associa-se às análogas reflexões do rétor Quintiliano (c. 35–c. 100 d.C.) e do poeta Marcial (c. 38–c. 104 d.C.), também contemporâneos. Tudo somado, o epistolário é o próprio testemunho da comparável dignidade que a vida privada, no desfrute do *otium*, passava a ter em relação aos cargos públicos e aos trabalhos forenses, que, particulares ou oficiais, consubstanciavam, bem contrário ao *otium*, o que os romanos chamavam *negotium* (*nec otium*, “o não ócio”), “os “negócios”, “as atividades”. Com efeito, enquanto as *Instituições Oratórias*, de Quintiliano e o *Diálogo dos Oradores*, de Tácito, ainda

* Docente em Letras Clássicas. Área de Língua e Literatura Latina. Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

pressupunham a proeminência do *negotium* sobre o *otium*, as epístolas de Plínio, embora contemporâneas, já dão relevo, pela matéria de que tratam, pela maneira como o fazem e pela pluralidade de destinatários, à vida social, cultural e mundana de Roma, mais especificamente aos múltiplos aspectos da vida, digamos, “literária” e seus protagonistas. Se excluirmos as *Epístolas* de Horácio, em versos hexamétricos, e as *Heróides* de Ovídio, em versos elegíacos, Plínio é o terceiro grande epistológrafo latino em prosa, inserindo-se na tradição imediata de Cícero (106-43 a.C.) e Sêneca (c. 5-65 d.C.). A “privacidade” pacificada das epístolas de Plínio (torno à questão adiante) as diferencia das epístolas de Cícero, em que se percebe, mesmo naquelas dirigidas aos familiares, a urgência do diálogo motivada pelo calor dos eventos políticos no ocaso do regime republicano; em Cícero, a pluralidade de destinatários é a principal diferença para com as *Epístolas a Lucílio*, em que Sêneca, no mesmo âmbito particular e dialogal que, grosso modo, é intrínseco ao gênero epistolar, entretencera em cada uma aspectos, também variados, é verdade, mas concernentes todos à mesma filosofia estoica, entendida ali como matéria superior de interesse comum, dirigidas exemplarmente a uma única pessoa. Tanto é, que o título na tradição manuscrita é *Epistolae Morales ad Lucilium*, “*Epístolas Morais a Lucílio*”, um amplo tema, um só destinatário. Nesse sentido, as epístolas de Plínio compartilham com as de Cícero a pluralidade de destinatários e com as de Sêneca a pacificação interna, digamos assim, da política romana: não tratam das facções que disputam o poder, nem dos seus próceres nem dos acólitos.

2. Epístola I, 20: aticismo x asianismo e a verdadeira saída pelo meio

Escrita por volta do ano 97 d.C. após a morte de Domiciano, a epístola I, 20 é das primeiras de Plínio e não por acaso trata de uma questão retórica importante para os romanos, que é oposição entre a prática oratória dos oradores chamados em latim *Attici* e a dos oradores chamados *Asiatici*. *Attici*, literalmente “atenienses”, “áticos”, tem sido traduzido nas várias línguas europeias, inclusive português, por “aticistas”, produzindo por derivação o termo abstrato “aticismo”, inexistente em latim. De modo análogo, *Asiatici* tem sido traduzido por “asianistas”, produzindo “asianismo” e “asiaticismo”, tampouco existentes em latim. A oposição não era apenas entre práticas oratórias, mas era antigo debate teórico – e assim propriamente retórico e filosófico – entre diferentes concepções sobre o discursar, já tratado por Cícero (*Brutus*, 325; *De Optimo Genere Oratorum*, 7-13) e por dois contemporâneos de Plínio o Jovem: o rétor Quintiliano (*Instituições Oratórias*, XII, 10, 12-26) e o historiógrafo Tácito (*Diálogo dos Oradores*), justo ele a quem a epístola I, 20 é endereçada. O próprio Plínio volta ao assunto, sobretudo nas epístolas I, 2; II, 3; VII, 12 e IX, 26.

Embora os termos digam respeito à Grécia e a oradores gregos, o debate resultou de reflexão feita pelos romanos, mormente Cícero, quer por causa de oradores gregos paradigmáticos que conheciam com os mestres durante a formação retórica, quer por causa da relação entre ideias filosóficas e a retórica. Em breves termos, como aqui é o caso e para o que aqui é relevante, para os romanos *Attici* referia uma prática oratória caracterizada pela brevidade, pela elocução simples, racional e sem adornos, ao passo que *Asiatici* referia por oposição o discurso vasto, abundante, patético, de elocução elevada e adornada. Quanto ao primeiro termo, percebe-se que com ele se generalizava aos oradores atenienses (*Attici*) aquelas características, muito embora fosse óbvio que poderia haver oradores *atenienses* que não fossem partidários de algumas práticas ditas hoje “aticistas” (*Attici*), que é o caso de Demóstenes segundo juízo de Cícero e depois segundo o de Plínio, como se lerá na epístola I, 20, §4. Desse modo, apesar de um tanto impróprio, o termo designava teórica e inequivocamente a oratória breve, de elocução

simples sem adornos. Quanto ao termo *Asiatici*, que nunca nomeou escola, proveio do modo como os romanos designavam a tendência oratória surgida no século III a.C. com a prática de oradores da Ásia Menor, entre os quais Hegésias de Magnésia (*floruit* 300 a.C.) e depois Ésquines de Mileto (contemporâneo de Cícero), surgida na Ásia Menor quando, com o fim da imediatez das condições políticas *pólis*, o discurso se tornou ornado e pleno de artifício nos vastos impérios dos sucessores de Alexandre.

Para compreender os termos, é inevitável tratar de Cícero, que é uma das primeiras fontes antigas sobre a questão e é a principal. Com efeito, de todos os debates e discursos que deve ter havido no seu tempo, sobraram hoje apenas seus discursos e seu tratamento teórico nos tratados, não sendo ele nada indiferente nem muito menos neutro, como se verá. É preciso, pois, ler além do que Cícero diz. Pois bem, ocorre que em seu tempo o “aticismo” gozava de maior prestígio, quer por causa dos oradores atenienses do século V a.C. (e nesse caso o termo *Attici* tem papel relevante), quer por efeito da filosofia estoica, que, bem apreciada em Roma, pregava uma espécie de discurso direto, conciso, próximo da fala natural, assumido assim por antirretórico (como se esses traços não fossem também eles resultado de agenciamento formal e, portanto, retórico), quer pela prática de importantes oradores aticistas, como Caio Licínio Calvo (também poeta e amigo de Catulo), cujos discursos não nos chegaram. Por conseguinte, o asianismo, genericamente considerado por mera oposição ao aticismo, era tido por vicioso (Cícero, *De Optimo Genere Oratorum*, 8). Mas porque Cícero emulava com Demóstenes – seu modelo por excelência, que não era, porém, aticista – e porque desejava ser considerado como tal, ele de modo um tanto especioso no *De Optimo Genere Oratorum* toma o termo *Attici*, que já é técnico (vá lá, “aticista”), e aplica-o a Demóstenes, que era “ateniense”, para ali concluir que ele, Cícero, imitador de Demóstenes, era aticista. No entanto, justo pelo repto do orador grego, Cícero não considerava viciosa toda prática asianista (*Brutus*, 51) e assim apreciava certa abundância e elevação, de sorte que chega a propor uma oratória intermediária, praticada pelos oradores de Rodes (“os ródios”: *Rhodii*; *Brutus*, 51), a que mais tecnicamente Quintiliano chamará *genus Rhodium*, “gênero ródio” (*Instituições Oratórias*, XII, 10, 18). A bem da verdade, Cícero acreditava que um orador abundante possuía mais qualidades que um orador conciso, de maneira que poderia ser mais breve, humilde e sem ornato se assim quisesse, afirmando que o contrário não era possível¹.

¹ *De Optimo Genere Oratorum*, 8-10:

8. [...] <imitemur> illos potius qui incorrupta sanitate sunt, quod est proprium Atticorum, quam eos quorum vitiosa abundantia est, qualis Asia multos tulit. 9. Quod cum faciemus – si modo id ipsum assequemur; est enim permagnum – imitemur, si potuerimus, Lysiam et eius quidem tenuitatem potissimum; est enim multis locis grandior, sed quia et priuatas ille plerasque et eas ipsas aliis et paruarum rerum causulas scripsit, uidetur esse ieiunior, cum se ipse consulto ad minutarum causarum genera limauerit. Quod qui ita faciet, ut, si cupiat uberior esse, non possit, habeatur sane orator, sed de minoribus; magno autem oratori etiam illo modo saepe dicendum est in tali genere causarum. 10. Ita fit ut Demosthenes certe possit summisse dicere, elate Lysias fortasse non possit.

8. [...] imitemos aqueles que têm saúde impecável – o que é próprio dos áticos – de preferência aos que têm viciosa abundância, como muitos que a Ásia produziu. 9. Quando o fizermos – se é que conseguiremos, que é grande empreendimento – imitemos, se pudermos, Lísias, e sobretudo sua tenuidade. Ele é mais grandioso em várias passagens, mas porque escreveu na maioria das vezes para causas pequenas e particulares, destinadas a outros, e ainda sobre questões insignificantes, parece um pouco acanhado, já que, deliberadamente, se adequou aos gêneros de causas menores. Quem assim fizer, se desejar ser mais abundante e não puder, sem dúvida será considerado orador, mas dos menores; mas o grande orador também deve falar desse modo em tal gênero de causas. 10. Assim, Demóstenes poderia por certo discursar de modo humilde, Lísias talvez não pudesse de modo elevado.

Tradução minha.

Sabendo que em Atenas houvera seguidores de várias tendências, desejava propor para *Attici* nova acepção, a saber, a capacidade de praticar qualquer gênero segundo as necessidades, capacidade que enxergava em Demóstenes e nele mesmo, como se lê no *De Optimo Genere Oratorum*, breve texto que era prefácio de sua tradução, talvez nunca escrita, dos discursos de Demóstenes e Ésquines relativos à Questão da Coroa. Se assim for, como parece ser, Cícero não terá deixado de ser bem asianista quando lhe conveio, ficando a quem concordar com a tese e se interessar por ela a tarefa de identificar tais discursos.

Quanto a Plínio, duas observações são necessárias: a primeira é que não ignora que as condições políticas em que discursava eram distintas das de Cícero (*Epístolas*, IX, 3, 2); a segunda é que, tirante o *Panegírico de Trajano*, que é discurso de agradecimento e elogio ao imperador (discurso demonstrativo ou epidítico), não dispomos dos discursos judiciários que proferiu no fórum, mas apenas o juízo que sobre eles e sobre a questão aticismo / asianismo expôs nas *Epístolas*. A epístola I, 20 é aquela em que Plínio a trata com mais detença, embora não empregue os termos *Attici* e *Asiatici*: a bem dizer, não os emprega em nenhum lugar, nem nas *Epístolas*, nem no *Panegírico* com o sentido técnico que ainda possuíam, conforme demonstra o uso contemporâneo de Quintiliano. Plínio não o faz porque não precisa e não deve fazê-lo, e as razões são duas. A primeira é que escreve a outro homem de letras, o historiógrafo Cornélio Tácito, notório, aliás, pela concisão, e Plínio poderia incorrer em falta de decoro com o destinatário e com o gênero epistolar se fosse professoral e técnico em demasia. A segunda, já que publicou as epístolas, é bem o fato mesmo de que os termos eram inequívocos, de tal modo, que podia servir-se de circunlóquio e exemplos de praticantes de uma e outra vertente para tratar da questão, o que convinha a uma epístola. Antes de passar a ela, permito-me exemplificar o procedimento, crendo que aproveitará ao leitor. Diz Plínio nos parágrafos iniciais 1-3:

1. *Frequens mihi disputatio est cum quodam docto homine et perito, cui nihil aeque in causis agendis ut breuitas placet.*

1. Tenho o hábito de discutir com certo homem sábio e experimentado, a quem nada nas causas a defender agrada tanto como a brevidade.

Por “causas a defender” (*causis agendis*) entenda-se “discursos forenses” (judiciários ou deliberativos), dos quais não nos restou nenhum de Plínio, e por “brevidade” (*breuitas*) entenda-se a virtude por excelência dos aticistas.

3. *Nam plerisque longiore tractatu uis quaedam et pondus accedit.*

3. Com efeito, um tratamento mais longo confere força e peso à maior parte das matérias.

Por “tratamento mais longo” (*longiore tractatu*) entenda-se “a abundância dos asianistas”. Passemos à leitura da epístola.

3. Plínio o Jovem, epístola I, 20: texto², tradução e notas

Caius Plinius
Cornelio Tacito Suo Salutem

² A edição utilizada foi a de Anne-Marie Guillemin, cotejada com a de R. A. B. Mynors.

1. Frequens mihi disputatio est cum quodam docto homine et perito, cui nihil aequae in causis agendis ut breuitas placet, 2. quam ego custodiendam esse confiteor, si causa permittat: alioqui praeuaricatio est transire dicenda, praeuaricatio etiam cursim et breuiter attingere quae sint inculcanda, infigenda, repetenda. 3. Nam plerisque longiore tractatu uis quaedam et pondus accedit, utque corpori ferrum, sic oratio animo non ictu magis quam mora imprimitur. 4. Hic ille mecum auctoritatibus agit ac mihi ex Graecis orationes Lysiae ostentat, ex nostris Gracchorum Catonisque, quorum sane plurimae sunt circumcisae et breues: ego Lysiae, Demosthenen, Aeschinen, Hyperiden multosque praeterea, Gracchis et Catoni Pollionem, Caesarem, Caelium, in primis M. Tullium oppono, cuius oratio optima fertur esse quae maxima. Et hercule ut aliae bonae res ita bonus liber melior est quisque quo maior. 5. Vides ut statuas, signa, picturas, hominum denique multorumque animalium formas, arborum etiam, si modo sint decorae, nihil magis quam amplitudo commendat. Idem orationibus euenit; quin etiam uoluminibus ipsis auctoritatem quandam et pulchritudinem adicit magnitudo. 6. Haec ille multaque alia, quae a me in eandem sententiam solent dici, ut est in disputando incomprehensibilis et lubricus, ita eludit ut contendat hos ipsos, quorum orationibus nitar, pauciora dixisse quam ediderint. 7. Ego contra puto. Testes sunt multae multorum orationes et Ciceronis *Pro Murena*, *Pro Vareno*, in quibus breuis et nuda quasi subscriptio quorundam criminum solis titulis indicatur. Ex his adparet illum permulta dixisse, cum ederet omisisse. 8. Idem *pro Cluentio* ait se totam causam uetere instituto solum perorasse, et *pro C. Cornelio* quadriduo egisse, ne dubitare possimus, quae per plures dies (ut necesse erat) latius dixerit, postea recisa ac repurgata in unum librum grandem quidem unum tamen coartasse. 9. At aliud est actio bona, aliud oratio. Scio nonnullis ita uideri, sed ego (forsitan fallar) persuasum habeo posse fieri ut sit actio bona quae non sit bona oratio, non posse non bonam actionem esse quae sit bona oratio. Est enim oratio actionis exemplar et quasi ἀρχέτυπον. 10. Ideo in optima quaque mille figuras extemporales inuenimus, in iis etiam quas tantum editas scimus, ut in Verrem: “artificem quem? Quemnam? Recte admones: Polyclitum esse dicebant”. Sequitur ergo ut actio sit absolutissima, quae maxime orationis similitudinem expresserit, si modo iustum et debitum tempus accipiat; quod si negetur, nulla oratoris, maxima iudicis culpa est. 11. Adsunt huic opinioni meae leges, quae longissima tempora largiuntur nec breuitatem dicentibus sed copiam (hoc est diligentiam) suadent; quam praestare nisi in angustissimis causis non potest breuitas. Adiciam quod me docuit usus, magister egregius. 12. Frequenter egi, frequenter iudicaui, frequenter in consilio fui: aliud alios mouet, ac plerumque paruae res maximas trahunt. Varia sunt hominum iudicia, uariae uoluntates. Inde qui eandem causam simul audierunt, saepe diuersum, interdum idem sed ex diuersis animi motibus sentiunt. 13. Praeterea suae quisque inuentioni fauet, et quasi fortissimum amplectitur, cum ab alio dictum est quod ipse praeuidit. Omnibus ergo dandum est aliquid quod teneant, quod agnoscant. 14. Dixit aliquando mihi Regulus, cum simul adessemus: “Tu omnia quae sunt in causa putas exsequenda; ego iugulum statim uideo, hunc premo.” Premit sane quod elegit, sed in eligendo frequenter errat. 15. Respondi posse fieri, ut genu esset aut talus, ubi ille iugulum putaret. At ego, inquam, qui iugulum perspicere non possum, omnia pertempto, omnia experior, πάντα denique λίθον κινῶ. 16. Utque in cultura agri non uineas tantum, uerum etiam arbusta, nec arbusta tantum uerum etiam campos curo et exerceo, utque in ipsis campis non far aut siliginem solam, sed hordeum, fabam ceteraque legumina sero, sic in actione plura quasi semina latius spargo, ut quae prouenerint colligam. 17. Neque enim minus imperspicua, incerta, fallacia sunt iudicum ingenia quam tempestatum terrarumque. Nec me praeterit summum oratorem Periclen sic a comico Eupolide laudari:

πρὸς δὲ γ' αὐτοῦ τῷ τάχει
πειθῷ τις ἐπεκάθητο τοῖσι χεῖλεσιν.
οὕτως ἐκήλει, καὶ μόνος τῶν ῥητόρων
τὸ κέντρον ἐγκατέλειπε τοῖς ἀκροωμένοις.

18. Verum huic ipsi Pericli nec illa πειθῷ nec illud ἐκήλει breuitate uel uelocitate uel utraque (differunt enim) sine facultate summa contigisset. Nam delectare, persuadere copiam dicendi spatiumque desiderat, relinquere uero aculeum in audientium animis is demum potest qui non pungit sed infigit. 19. Adde quae de eodem Pericle comicus alter:

ἦστραπτ', ἐβρόντα, συνεκύκα τὴν Ἑλλάδα.

Non enim amputata oratio et abscisa, sed lata et magnifica et excelsa tonat fulgurat, omnia denique perturbat ac miscet. 20. “Optimus tamen modus est”: quis negat? sed non minus non seruat modum qui infra rem quam qui supra, qui adstrictius quam qui effusius dicit. 21. Itaque audis frequenter ut illud: “immodice et redundanter”, ita hoc: “ieiune et infirme”. Alius excessisse materiam, alius dicitur non implesse. Aequae uterque, sed ille imbecillitate hic uiribus peccat; quod certe etsi non limatioris, maioris tamen ingeni uitium est. 22. Nec uero cum haec dico illum Homericum ἀμετροεπῆ probo, sed hunc:

καὶ ἔπεα νιφάδεσσιν εὐκότα χειμερήσιν,
non quia non et ille mihi ualdissime placeat:
παῦρα μὲν, ἀλλὰ μάλα λιγέως·

si tamen detur electio, illam orationem similem niuibibus hibernis, id est crebram et adsiduam sed et largam, postremo diuinam et caelestem uolo. 23. “At est gratior multis actio breuis.” Est, sed inertibus quorum delicias desidiamque quasi iudicium respicere ridiculum est. Nam si hos in consilio habeas, non solum satius breuiter dicere, sed omnino non dicere.

24. Haec est adhuc sententia mea, quam mutabo si dissenseris tu; sed plane cur dissentias explices rogo. Quamuis enim cedere auctoritati tuae debeam, rectius tamen arbitror in tanta re ratione quam auctoritate superari. 25. Proinde, si non errare uideor, id ipsum quam uoles breui epistula, sed tamen scribe (confirmabis enim iudicium meum); si erraro, longissimam para. Num corrupti te, qui tibi, si mihi accederes, breuis epistulae necessitatem, si dissentires, longissimae imposui? Vale.

Caio Plínio³
a Seu Querido Cornélio Tácito⁴, Saudações

1. Tenho o hábito de discutir com certo homem sábio e experimentado, a quem nada nas causas a defender agrada tanto como a brevidade⁵, 2. que, confesso, se deve guardar, se a causa permitir: de outro modo, é prevaricação saltar o que se deve dizer, é prevaricação também às pressas e brevemente tocar o que se deve inculcar, penetrar, repetir. 3. Com efeito, um tratamento mais longo confere força e peso à maior parte das

³ A data da epístola é incerta, mas é provável que seja uma das primeiras, logo após a morte de Domiciano em 96 d.C.

⁴ CORNÉLIO TÁCITO: o historiógrafo Públio Cornélio Tácito (c. 58–c. 120 d.C.).

⁵ BREVIDADE: *breuitas*.

matérias⁶, e, tal como o ferro no corpo, assim também o discurso se imprime no espírito mais pela perduração do que pelo golpe. 4. Nesse ponto, meu adversário refere-me autoridades, e mostra-me, dos gregos, os discursos de Lísias⁷, e dos latinos, os discursos dos Gracos⁸ e de Catão⁹, cuja maior parte é concisa e breve¹⁰; por meu turno a Lísias oponho Demóstenes¹¹, Ésquines¹², Hiperides¹³ e muitos outros, e aos Gracos e Catão oponho Polião¹⁴, César¹⁵, Célio¹⁶ e, antes de todos, Cícero¹⁷, de quem se considera que

⁶ A MAIOR PARTE DAS MATÉRIAS: *plerisque*, que entendi como neutro plural, literalmente “a maior parte das coisas”.

⁷ LÍSIAS: (c. 450–380 a.C.), orador ateniense e logógrafo (escritor de discursos para outros oradores), citado aqui como autoridade acerca de discursos breves. Dele Quintiliano faz comentário nas *Instituições Oratórias*, X, 1, 78, como orator *subtilis atque elegans*, “sutil e elegante”, virtudes aticistas.

⁸ GRACOS: Tibério Graco (169 ou 163–133 a.C., tribuno da plebe em 133 a.C.) e Caio Graco (153–121 a.C., tribuno da plebe em 123 e 122 a.C.) defendiam leis agrárias e a concessão de cidadania a povos não romanos da Itália. Foram assassinados, Tibério por Cipião Nasica, e Caio por Lúcio Opima; ver Aulo Gélcio, *Noites Áticas*, XI, 10.

⁹ CATÃO: Márcio Pórcio Catão (234–149 a.C.), Catão o Velho ou Catão, o Censor, homem público (foi cônsul em 195 a.C.), chefe militar (esteve na Hispânia em 195 e em Rodes em 167 a.C.) e orador eminente, era chamado o “Censor”, por considerar fundamental o papel do censor na preservação das tradições romanas e da moral pública contra a influência grega. A partir de 153, obcecado pela ameaça cartaginesa, terminava seus discursos com o famoso *delenda Carthago*, “Cartago deve ser destruída”. Escreveu as *Origens (Origines)*, tratado sobre as lendas acerca da fundação de Roma e outras cidades italianas – provavelmente influenciado pelas *Origens (Áitia)* de Calímaco – e *Sobre a Agricultura (De Re Rustica)*. Compôs trabalhos sobre retórica, medicina, leis, guerra, e deixou mais de 150 discursos. O anti-helenismo de fachada era o modo de simular a figura de um soldado camponês, pois Catão mal escondia a erudição e o conhecimento das letras gregas. Cícero (*Tusculanas* IV, 3, 15) considera-o *grauissimus orator* e Cornélio Nepos (*Vidas*, “Catão”, III, 1, 2), *probabilis*, “louvável”. Na epístola III, 12, 2 de Plínio lemos que era achegado à bebida.

¹⁰ CONCISA E BREVE: *circumcisae et breues*.

¹¹ DEMÓSTENES: orador ateniense (384–322 a.C.), considerado o maior orador grego. Mencionado aqui por oposição a Lísias, é considerado por Plínio como modelo de orador abundante.

¹² ÉSQUINES: (c. 390–314 a.C.), orador ateniense, rival e inimigo de Demóstenes, porque propunha que os atenienses deveriam resignar-se e aliar-se aos macedônios. A inimizade foi razão de várias causas e outros tantos discursos, como *Contra Timarco* (Timarco, partidário de Demóstenes, acusara Ésquines de receber suborno) e *Contra Ctesifonte* (Ctesifonte havia proposto que Demóstenes, inconstitucionalmente, segundo Ésquines, fosse coroado por serviços prestados a Atenas). A ação *Contra Ctesifonte* e a resposta de Demóstenes, *Sobre a Trierarquia da Coroa*, integram a célebre Questão da Coroa. Demóstenes saiu vencedor e Ésquines, derrotado, exilou-se em Rodes, onde ensinou retórica até morrer aos 75 anos. Ésquines é mencionado em II, 3, 10; IV, 5, 1; IX, 26, §§ 9 e 11.

¹³ HIPERIDES: (390–322 a.C.), político, orador e logógrafo ateniense, foi acusador de Demóstenes, com que se reconciliou depois. Antimacedônico ferrenho, foi executado quando Antípatro derrotou os gregos em Crânon. Restaram-nos fragmentos papiráceos de seis discursos seus.

¹⁴ POLIÃO: Caio Asínio Polião, (76–5 a.C.) cônsul em 40 a. C. Homem público, chefe militar, era partidário de César. Homem de letras, fundou a primeira biblioteca pública em Roma e deu início ao costume das recitações públicas. Foi contemporâneo da geração de César, Catulo e Cícero, e da geração de Horácio e Virgílio. Foi renomado orador aticista, declamador e autor de comentários sobre gramática. Foi ainda tragediógrafo, historiógrafo, segundo Horácio (*Odes*, 2, 1), e também poeta. De seus trabalhos restaram pouquíssimos fragmentos. Virgílio lhe dedicou a quarta *Bucólica*. Asínio Polião é mencionado em V, 3, 5 e VI, 29, 5.

¹⁵ CÉSAR: Caio Júlio César, (100–44 a.C.), cônsul em 59, 48, entre 46 e 44, ditador entre 49 e 44 a.C. César percebeu a necessidade de integrar a plebe, excluída do regime censitário que era a república, e terminar com o endividamento privado. Como homem de letras, praticou historiografia, mais precisamente *commentarii*: *Comentários da Guerra Gálica* e os *Comentários da Guerra Civil*, elogiados por Cícero no *Bruto* (261–262); ver III, 5, 17. César também foi orador (cuja eloquência foi também elogiada por Cícero no mesmo passo do *Bruto*), poeta, gramático, epistológrafo – atividades de que nos restam escassos fragmentos – e até astrônomo: sua reforma do calendário durou até o século XVI. Júlio César é mencionado nas epístolas III, 12, 2; V, 3, 5 e VIII, 6, 13.

¹⁶ CÉLIO: Marco Célio Rufo (82–48 a.C.), de família rica, era amigo de Cícero, que o defendeu no *Discurso em Defesa de Célio*, em 56. Entre 51 e 50, manteve Cícero informado do que ocorria na cidade

o melhor discurso é o maior. E, por Hércules!, tal como em todas as coisas boas, assim também qualquer livro bom é tanto melhor quanto maior for. 5. Estátuas, imagens de deuses¹⁸, pinturas, figuras de homens¹⁹, de muitos animais e até de árvores, nada as valoriza tanto como a grandeza, desde que sejam belas. Assim também ocorre com os discursos: até mesmo aos próprios livros a grandeza acrescenta certa autoridade e beleza. 6. Destes argumentos e muitos outros que costumo usar para a mesma finalidade, meu adversário, escorregadiço e impossível de agarrar na disputa²⁰, se esquiva e, contra-atacando, insiste que os próprios autores em cujos discursos me apoio foram mais breves quando discursaram do que quando publicaram. 7. Eu penso que foi o contrário²¹. São testemunhas vários discursos de vários oradores, e de Cícero os *Discursos em Defesa de Murena* e *em Defesa de Vareno*²², em que sob os meros títulos se indica, subscrito, breve e conciso rol de algumas acusações: disso fica claro que ele disse muita coisa que omitiu quando publicou. 8. Ele mesmo afirma no discurso *Em Favor de Cluêncio* que, segundo o costume antigo, proferiu sozinho a causa inteira²³, e

por meio de afamadas epístolas. Partidário de César, Célio abandonou-o quando não aprovou uma legislação reformadora e então iniciou, com apoio de Milão, uma revolta no sul da Itália, logo reprimida pelo próprio César: ali Célio e Milão foram mortos. Cícero no *Bruto* (273) elogia seu discurso (*et splendida et grandis [...] oratio*) e Tácito discute César, Célio e Polião no *Diálogo dos Oradores*, XXI.

¹⁷ CÍCERO: Marco Túlio Cícero (106-43 a.C.), o maior orador romano.

¹⁸ ESTÁTUAS, IMAGENS DOS DEUSES: respectivamente *statuas, signa*; ver *Oxford Latin Dicionary*, s.v. *signa*, 12a.

¹⁹ PINTURAS, FIGURAS: respectivamente *picturas, formas*.

²⁰ ESCORREGADIÇO E IMPOSSÍVEL DE AGARRAR NA DISPUTA: *in disputando incomprehensibilis et lubricus*. Plínio utiliza adjetivos que se aplicam a atletas que, suados e escorregadiços, se agarram com dificuldade; o verbo *eludo*, “eludir”, “desviar o golpe” aplica-se aos gladiadores.

²¹ O próprio Cícero deixa implícito no *Bruto* (91-92) que publicou seus discursos tais quais foram pronunciados:

Nec enim est eadem inquam, Brute, causa non scribendi et non tam bene scribendi quam dixerint. Nam uideamus alios oratores inertia nihil scripsisse, ne domesticus etiam labor accederet ad forenses – pleraeque enim scribuntur orationes habitae iam, non ut habeantur–; alios non laborare ut meliores fiant – nulla enim res tantum ad dicendum proficit quantum scriptio: memoriam autem in posterum ingeni sui non desiderant, cum se putant satis magnam adeptos esse dicendi gloriam eamque etiam maiorem uisum iri, si in existimantium arbitrium sua scripta non uenerint–; alios, quod melius putent dicere se posse quam scribere, quod peringeniosis hominibus neque satis doctis plerumque contingit [...].

Não é a mesma, Bruto, a razão de não escrever e a de não escrever tão bem quanto se falou, pois vemos que uns oradores por inércia nada escreveram, evitando que ao esforço do fórum se somasse também o de casa, já que a maioria dos discursos são escritos depois de pronunciados, não para que venham a ser pronunciados. Outros vemos que não se esforçam por tornar-se melhores, pois nada aproveita tanto à eloquência quanto escrever: não desejam eles deixar à posteridade a memória de seu engenho por crer que já adquiriram glória grande o bastante, que parecerá ainda maior se seus escritos não se submeterem ao juízo dos críticos. Outros, porque crêem que sabem falar melhor do que escrever, o que costuma afetar homens muito engenhosos, mas não suficientemente instruídos [...].

Cícero toca o problema nas *Tusculanas*, IV, 55, e Salústio n’ *A Conjuração de Catilina* (XXXI, 6, 1), informando que o orador, depois de proferir uma de suas *Catilinárias*, veio a publicá-la, nada diz quanto a tê-la alterado.

²² DISCURSO EM DEFESA DE VARENO: *Pro Vareno*; é discurso perdido, também mencionado por Quintiliano (VII, 1, 12).³⁴

²³ ELE SOZINHO PROFERIU A CAUSA INTEIRA: *se totam causam uetere instituto solum perorasse*. Plínio retoma as palavras do próprio Cícero no mesmo *Discurso em Defesa de Cluêncio*, 199, [*sc. ego*] *qui totam hanc causam uetere instituto solus perorauit*. Esse era “o costume antigo” e no *Bruto*, 207, Cícero faz crítica contrária ao novo costume de dividir a causa entre vários defensores: *ita ab his sex patronis causae illustres agebantur; neque tam multa quam nostra aetate iudicia fiebant, neque hoc quod nunc fit, ut causae singulae defenderentur a pluribus, quo nihil est uitiosius*, “assim causas notáveis eram

no discurso *Em Favor de Caio Cornélio* afirma que falou por quatro dias, e não há dúvida de que tudo que falou mais amplamente por muitos dias (como era necessário), depois de cortar e corrigir, articulou num único livro – grande, é verdade – porém único. 9. “Mas uma coisa²⁴ é um bom discurso falado, outra um bom discurso escrito”²⁵. Sei que alguns assim pensam, mas eu estou convencido (talvez me engane) de que pode ocorrer que um bom discurso falado não seja bom quando registrado por escrito, mas não pode ocorrer que não seja um bom discurso falado um discurso que, escrito, é bom, pois o discurso escrito é modelo do falado e por assim dizer seu arquétipo²⁶. 10. Por isso, em qualquer discurso escrito que seja excelente encontramos mil figuras improvisadas, mesmo naqueles que sabemos ter sido apenas escritos, como nas *Verrinas*: “e quem era o escultor, quem era mesmo? Ah, sim, tens razão: diziam que era Policlito”²⁷. Segue-se, portanto, que seja perfeito o discurso falado que expresse a máxima semelhança com o discurso escrito, desde que possua o tempo justo e devido²⁸, o que, se for negado, nenhuma culpa é do orador, mas inteira é a do juiz. 11. Sustentam esta minha opinião leis que, esbanjando tempos longuíssimos, não aconselham brevidade a quem discursa, mas abundância, isto é, precisão, que a brevidade²⁹ não pode garantir, a não ser em causas pequeníssimas. Acrescentarei o que me ensinou a experiência, egrégio mestre. 12. Muitas vezes discurssei, muitas vezes julguei, muitas vezes tomei parte na assembleia: difere o que move uns e o que move outros, e muito amiúde pequenos fatos acarretam as maiores consequências. Diversas são as opiniões dos homens, diversas as vontades. Por isso, os que assistiram juntos ao mesmo pleito com frequência têm opinião diversa, às vezes têm a mesma, mas motivados por afetos³⁰ diversos. 13. Ademais, cada qual favorece a própria descoberta e, sempre que outra pessoa diz o que ele próprio previra, acolhe isso como o argumento mais forte. Portanto,

assumidas por estes seis defensores e não havia tantos julgamentos quantos atualmente, nem se fazia o que se faz agora, causas individuais serem defendidas por mais pessoas ainda, coisa de que nada há de mais vicioso”.

²⁴ MAS UMA COISA... OUTRA ...ESCRITO: esta fala entre aspas é exemplo da figura retórica da *antecipação* ou *prolepsis* (*anticipatio, prolepsis*), que consiste em refutar ou destruir antecipadamente as objeções do adversário. Normalmente a antecipação é introduzida por um verbo *dicendi* ou expressão semelhante do tipo “alguém poderia dizer”, “talvez digas”, que aqui, no parágrafo 20 e no 23 não ocorrem.

²⁵ DISCURSO FALADO: *actio*; DISCURSO ESCRITO: *oratio*. A *actio* ou *pronuntiatio* é das cinco partes do discurso aquela que concerne ao desempenho, à atuação (ou ainda *performance*) do orador em público, e guarda, conforme se vê pela cognação, semelhança com o ofício do *ator*, tal como ocorre em grego com o termo *ὑπόκρισις* (*hypókrisis*), de que deriva “hipócrita”, pessoa fingida.

²⁶ ARQUÉTIPO: *ἀρχέτυπον* (*archétypon*). Plínio, mediante a antecipação, pretende refutar a total dissociação entre discurso falado e discurso escrito. Há entre eles certa relação: o texto escrito é modelo (*archétypon, exemplar*) da pronúncia. Quintiliano (*Instituições Oratórias*, XII, 10, 51), reconhece também a relação entre discurso falado e discurso escrito, mas afirma: *Mihi unum atque idem uidetur bene dicere ac bene scribere, neque aliud esse oratio scripta quam monumentum actionis habitae*, “creio que discursar bem e escrever bem são a mesma coisa e que o discurso escrito não é senão o registro do discurso proferido”. Em Plínio, o termo *archétypon*, “arquétipo”, assim como *exemplar*, “modelo”, aplicado ao texto escrito, diz respeito a uma dimensão ideal do discurso, superior à instância da pronúncia, ao passo que em Quintiliano *monumentum*, “registro”, a nosso ver flagra o texto escrito como mera transcrição do que foi pronunciado.

²⁷ As últimas *Verrinas* não foram pronunciadas. A passagem aqui citada está na *Segunda Ação contra Verres*, II, 4, 5: Cícero, num texto escrito, finge, como se estivesse a falar, ter-se esquecido do nome do escultor Policlito, que foi então soprado por alguém durante o julgamento.

²⁸ O TEMPO JUSTO E DEVIDO: *iustum et debitum tempus accipiat*. O tempo concedido a cada parte era marcado pela clepsidra.

²⁹ BREVIDADE: *brevitas*, em ambas as ocorrências.

³⁰ AFETOS: *motus animi*.

deve-se dar a todos algo que possam abraçar, algo que possam reconhecer³¹. 14. Certa vez, quando advogávamos pela mesma parte, Régulo³² me disse: “tu crês que se deve tratar de tudo que está em causa; eu logo vejo o pescoço do adversário e o ataque”. Ele ataca, sim, aquilo que considera como tal e nessa consideração amiúde erra. 15. Respondi que pode ocorrer que seja joelho ou calcanhar o que ele pensa ser pescoço. “Mas eu”, repliquei, “que não posso identificar o pescoço, tento tudo, experimento tudo, e enfim ‘removo céu e terra’”³³. 16. Assim como na lavoura não só as vinhas, mas também árvores, e não só árvores, mas também campos eu crio e cultivo, e assim como nos próprios campos não apenas trigo ou cevada, mas fava e outros legumes planto, assim também no discurso falado espalho largamente mais sementes, por assim dizer, para colher as que brotarem, 17. pois a disposição dos juizes não é menos obscura, incerta, enganosa do que a das tempestades e dos terrenos. E não me escapa que Péricles³⁴, sumo orador, é assim louvado pelo comediógrafo Êupolis³⁵:

além da rapidez,
uma certa persuasão repousava sobre seus lábios.
Assim encantava e era o único entre os oradores
que deixava o agulhão no espírito dos ouvintes.

18. Porém, este mesmo Péricles, quer pela brevidade, quer pela rapidez, quer com ambas (pois são diferentes), não teria conseguido nem aquela “persuasão”, nem aquele “encantamento” sem uma enorme capacidade de discursar, pois deleitar, persuadir necessitam de abundância e dilatação, e deixar o agulhão no espírito dos ouvintes só consegue quem atinge, não quem resvala. 19. Soma a isso o que do mesmo Péricles afirma outro comediógrafo:

Fulminava, atroava, agitava a Grécia.

Não é, pois, o discurso tronco e mutilado, mas o amplo³⁶, grandioso e elevado que atroa, fulgura e tudo agita e mistura. 20. “O melhor, porém, é o comedimento”³⁷: quem pode negar? Mas não deixa de observar menos o comedimento quem fala aquém

³¹ Para Guillemin (1953, p. 41) o conceito é tratado por Quintiliano (*Instituições Oratórias*, III, 7, 2; IV, 5, 14 e VIII, 3, 71); na última passagem afirma: *Omnis eloquentia circa opera uitae est, ad se refert quisque quae audit, et id facillime accipiunt animi quod agnoscunt*, “Toda eloquência diz respeito às atividades da vida: cada um relaciona a si próprio o que ouve, e a mente aceita com a maior facilidade aquilo que reconhece”.

³² RÉGULO: Marco Aquílio Régulo (século I d.C.); informante que, segundo o próprio Plínio (I, 2, 1), enriqueceu e se notabilizou processando políticos no tempo de Nero (37–68 d.C., imperador entre 54–68) e no de Domiciano (imperador entre 81–96 d.C.). Embora inimigo de Plínio, que o detrata também nas epístolas I, 5; IV, 2 e IV, 7, a passagem mostra que advogaram pela mesma parte.

³³ REMOVO CÉU E TERRA: o original, πάντα λίθον κινῶ “removo toda pedra”, é provérbio grego que ocorre primeiro em Eurípidas, *Heráclidas*, v. 1002, πάντα κινῆσαι πέτρων.

³⁴ PÉRICLES: governante e orador ateniense, que, responsável pela construção de templos como o Partenon, pela democracia, esplendor e império de Atenas entre as décadas de 440 e 430 a.C., deu seu nome ao século V ateniense.

³⁵ ÊUPOLIS: comediógrafo ateniense do século V a.C., amigo, depois rival de Aristófanes. O trecho pertence à comédia Δῆμοι (*Dêmoi*), *Os Povos*, representada em 412 a.C. Esse comediógrafo é citado por Horácio (*Sátiras*, I, 4, 1-2): *Eupolis atque Cratinus Aristophanesque poetae / atque alii, quorum comoedia prisca uirorum est*, “Os poetas Êupolis, Aristófanes e Cratino, e outros homens de quem provém a comédia antiga”.

³⁶ AMPLO: *lata*.

³⁷ COMEDIMENTO: *modus*. A fala entre aspas é figura da antecipação sem verbo *dicendi*; ver §§10 e 23.

da matéria³⁸ do aquele que vai além, quem fala de modo muito conciso do que aquele que o faz de modo muito efusivo³⁹. 21. Assim, amiúde ouves tanto aquele “desmedido e redundante”⁴⁰, quanto este “magro” e “sem vigor”⁴¹. De um se diz que excedeu a matéria, de outro que não a completou. Ambos erram, mas um por fraqueza, outro por veemência, o que decerto é vício de um engenho maior, ainda que não mais limado. 22. Mas quando o digo, não estou a aprovar aquela “palavra sem medida”⁴² de Homero, mas sim aquele que diz⁴³:

e suas palavras eram semelhantes a flocos de neve inverniais⁴⁴
não porque também este outro⁴⁵ não me agrade muitíssimo:
<falava> pouco mas muito claramente.

Contudo, se me derem escolha, aquele discurso semelhante à neve invernal, isto é, cerrado e contínuo, mas também amplo e, enfim, divino e celeste, é o que prefiro. 23. “Mas muitos gostam mais da fala breve.”⁴⁶ São, porém, preguiçosos, cuja volúpia e inércia é ridículo considerar como juízo, pois se acolheres seu conselho, não apenas será melhor falar com brevidade, mas não falar nada.

24. Esta é até agora minha opinião⁴⁷, que mudarei se discordares. Mas peço que expliques claramente por que discordas, pois embora deva ceder à tua autoridade, em

³⁸ MATÉRIA: *res*.

³⁹ MODO CONCISO, EFUSIVO: *adstrictius, effusius*.

⁴⁰ DESMEDIDO E REDUNDANTE: *immodice et redundanter*, advérbios no original. *Redundanter* é neologismo de Plínio. Os termos designam negativamente o gênero elevado de elocução. Outros termos são *graue, grande, uehemens, amplum, grandiloquum, ualidum*.

⁴¹ MAGRO E SEM VIGOR: *ieiune et infirme*, advérbios no original, literalmente “jejuno”, “em jejum”, e “sem firmeza”, que designam negativamente a elocução simples. *Ieiunus* tem origem estóica, conforme se vê pelo uso de Cícero no *Bruto* (114). Outros termos são *tenue, humile, summissum, subtile, gracile*.

⁴² ἀμετροεπής (*ametroepés*): adjetivo formado de *a* privativo, “sem”, + μέτρος, “medida”, + ἔπος “palavra”, que significa algo como “desmesuradamente palavroso”; ocorre na *Iliada*, II, 212, Θερσίτης δ' ἔτι μοῦνος ἀμετροεπής ἐκόλῳα, “só Térsites, sem medida continuava a falar”.

⁴³ AQUELE QUE DIZ: *hunc*, literalmente “aquele”; é Ulisses quem fala (*Iliada*, III, 222). Notar que, nesta citação e na seguinte, Plínio mantém a diferenciação entre a fala do poeta, que é Homero, e a fala das personagens, conferindo certa autonomia a elas e, segundo o próprio caráter, a seus respectivos discursos (ver nota seguinte), o que explica o emprego discriminante do adjetivo *Homericum* e dos pronomes *hunc* e *ille*. O sujeito da fala é o critério pelo qual Platão na *República* (III, 394 b-d) estabelece três gêneros de poesia e de prosa: a mimética (ou imitativa), a narrativa e a mista:

ὅτι τῆς ποιήσεώς τε καὶ μυθολογίας ἡ μὲν διὰ μιμήσεως ὅλη ἐστίν, ὥσπερ σὺ λέγεις, τραγῳδία τε καὶ κωμῳδία, ἡ δὲ δι' ἀπαγγελίας αὐτοῦ τοῦ ποιητοῦ – εὐροις δ' ἂν αὐτὴν μάλιστα που ἐν διθυράμβοις – ἡ δ' αὖ δι' ἀμφοτέρων ἐν τε τῇ τῶν ἐπῶν ποιήσει, πολλαχοῦ δὲ καὶ ἄλλοθι.

Tradução minha.

⁴⁴ A imagem homérica da neve a cair sem cessar indicando torrencialidade em Plínio é virtude, mas em Sêneca (*Cartas a Lucílio*, 40, 2) é vício: *Itaque oratio illa apud Homerum concitata et sine intermissione in morem niuis superueniens oratori data est, lenis et melle dulcior seni profluit*, “Assim, em Homero aquele discurso incitado e sem interrupção, que desaba como a neve é dado ao orador, mas, no ancião [isto é no sábio, no filósofo], o discurso flui suave e mais doce que o mel”. Quintiliano (XII, 10, 64) também refere-se aos símiles homéricos dos discursos de Ulisses e de Menelau (ver nota seguinte).

⁴⁵ OUTRO: *ille*. Trata-se de Menelau (*Iliada*, III, 213-215): ἦτοι μὲν Μενέλαος ἐπιτροχάδην ἀγόρευε, / παῦρα μὲν ἄλλα μάλα λιγέως, ἐπεὶ οὐ πολὺμυθος / οὐδ' ἀφαρμαρτοεπής· ἡ καὶ γένει ὕστερος ἦεν, “Menelau falava fluentemente: pouco, mas com muita clareza, por não ser de muitas palavras nem evasivo”. Tradução minha.

⁴⁶ MAS MUITOS... BREVE: outra ocorrência da *antecipação* sem verbo *dicendi*; ver §§10 e 20.

⁴⁷ Plínio deixa clara sua preferência pela abundância e pelo gênero elevado de elocução. Sherwin-White

matéria tão importante considero mais correto ser vencido com argumentos do que pela autoridade. 25. Por isso, se achares que não estou errado, escreve só e exatamente isso numa epístola, a mais breve que quiseses⁴⁸, mas escreve-me, pois confirmarás minha opinião; se eu estiver errado, prepara uma epístola longuíssima⁴⁹. Acaso te corrompi⁵⁰ por ter-te imposto a obrigação de uma epístola breve se concordares comigo, e uma longuíssima, se discordares? Adeus.

4. Possíveis conclusões

Ressalto primeiro que, por mais que se tenham perdido discursos de oradores aticistas e excertos de tratados que deles se ocupassem, ficou clara no parágrafo 4 a importância que para Plínio tem Cícero como exemplo de orador abundante, afeito a procedimentos asianistas. (O referido aticista Caio Licínio Calvo, Plínio só o menciona como poeta⁵¹). Mas, além das circunstâncias políticas, o que enfim difere Plínio de Cícero no que tange às modalidades oratórias em tela? Dentre possíveis respostas proponho aventar que, enquanto Cícero propugna por estilo aticista que procura redefinir enquanto parece, admitir explicitamente que deve ter praticado oratória asianista quando lhe conveio, Plínio nas *Epístolas*, embora conceda, conforme vimos, pequeno espaço para a brevidade, propugnou (reitero: não dispomos dos próprios discursos não epidícticos) já não por todos os gêneros segundo a necessidade da causa, mas efetivamente defendeu que o discurso deve ser sempre abundante, como se afirmasse que, entre o vício do empolamento e o da *secura*, é menos nocivo o primeiro, argumento com que no fechamento da epístola compara a brevidade com o inútil silêncio. Para ele, nas condições em que discursava, diferentemente do que pensava Cícero, parecia não reputar política e retoricamente relevante não ser considerado aticista. Creio ter mais razão Sherwin-White (1966, p. 135), ao afirmar com toda brevidade que Plínio “no fundo é asianista”⁵², do que Elaine Fantham (1997, p. 126) ao perorar que

o mundo de Plínio, se é que não é mais honesto, parece ao menos mais próximo do nosso e certamente ofereceu espaço para advocacia competente, mas a grandeza da alta eloquência já tinha pouca função pública além do cerimonial. Dali em diante toda a oratória estaria a serviço dos deuses ou do imperador. E em sua divulgação e persistência, o sermão cristão duraria mais até mesmo que o panegírico⁵³.

Talvez isso se deva ao maior prestígio existente ainda hoje do estilo aticista, que é motivado, porém, mais pelo que dele *afirmou* Cícero nos tratados tentando redefini-lo segundo suas necessidades, do que pelo que efetivamente *praticou* nos discursos, que

(1966, p. 125) é taxativo: “No fundo, ele é asianista”.

⁴⁸ EPÍSTOLA, A MAIS BREVE QUE QUISERES: *quam uoles breui epistula*, conforme o costume de Tácito.

⁴⁹ PREPARA UMA EPÍSTOLA LONGUÍSSIMA: *longissimam para*, contra o costume de Tácito.

⁵⁰ ACASO TE CORROMPL...? *Num corrupe te*. O advérbio *num* pressupõe resposta negativa: na sua própria opinião Plínio *não* corrompeu Tácito, isto é, não o levou a agir contra seu caráter e costume. Mas examinando bem, Plínio, parecendo gentil, enreda o interlocutor, pois para que Tácito escreva pouco, como julga correto e é seu costume, deverá concordar com a opinião de Plínio. Se discordar dessa opinião, deverá escrever muito, agindo conforme a opinião do interlocutor e contra a sua própria.

⁵¹ Plínio o Jovem, *Epístolas*, I, 2, 2; I, 16, 5; IV, 27, 4 e V, 3, 5.

⁵² “At heart he is Asianist.”

⁵³ “Pliny’s world, if not more honest, seems at least nearer to our own, and certainly offered scope for workmanlike advocacy, but already the grandeur of high eloquence had little public function beyond the adorning of ceremonial. Henceforward all oratory would be in the service either of gods or the emperor. And in its dissemination and persistence the Christian sermon would outlast even panegyric.”

devem contar com mais de um exemplo da prática que se entendia muito bem ser asianista. Quanto a esse debate em particular, é o caso de desconstruir a afirmação de Cícero e construir análise objetiva de seus discursos.

REFERÊNCIAS

DOUGLAS, A. E. M. Calidius and the Atticists. *The Classical Quarterly*, new series, vol. 5, 3/4, p. 241-247. jul.–out., 1955.

_____. Cicero, Quintilian, and the Canon of Ten Attic Orators. *Mnemosyne*, fourth Series, vol. 9, 1, p. 30-40, 1956.

FANTHAM, E. The contexts and occasions of Roman public rhetoric. In: DOMINIK, W. J. (ed.) *Roman eloquence: rhetoric in society and literature*. London and New York: Routledge, 1997, p. 111-128.

FORT, N. “Atticist versus asianist oratory”. In: *Literary immortality in Pliny the Younger’s letters I-IX*. A thesis submitted to the graduate faculty of the University of Georgia in partial fulfillment of the Requirements for the degree Master of Arts. Athens, Georgia, 2012, p. 46-48. Major Professor: T. Keith Dix. Texto acessado 12 de novembro de 2017 em https://getd.libs.uga.edu/pdfs/fort_natalie_201205_ma.pdf

GACHE, F.; PIQUET, J. S. *Cicéron et ses ennemis littéraires ou le Brutus, L’orator et Le de optimo genere oratorum*. Traduit d’une préface de M. O. Jahn suivi du texte annoté du *De optimo genere oratorum*. Paris: Klincksieck, 1886.

GUILLEMIN, Anne-Marie. *Pline Le Jeune. Lettres*. Texte établi et traduit par Anne-Marie Guillemin. Paris: Belles Lettres, tome I, livres I-III, 1953.

MARCHESI, I. *The art of pliny’s letters: a poetics of allusion in the private correspondence*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

MORETTI, G. *Acutum dicendi genus: Brevità, oscurità, sottigliezze e paradossi nelle tradizioni retoriche degli stoici*. Bologna: Pàtron, 1995.

MYNORS, R. A. B. C. *Plini Caecili Secundi Epistularum Libri Decem*. Oxford: Clarendon, 1966.

SHERWIN-WHITE, A. N. *The letters of Pliny: a historical and social commentary*. Oxford: Oxford University Press, 1966.

Data de envio: 25-09-2017

Data de aprovação: 15-11-2017

Data de publicação: 22-12-2017